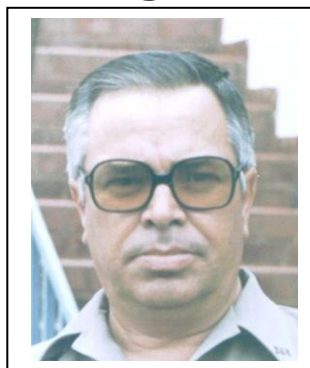


FHE **POUPEX**

General Edmundo Macedo Soares O Pai da Siderurgia no Brasil



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente das Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB, doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982; É correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. Estudou no Colégio Franciscano em Canguçu 1938/1944 e no Ginásio Gonsaga em Pelotas 1945-1949 e no Ginásio Pelotense em 1950 por ocasião da prestação do Serviço Militar na 3ª Companhia de Transmissões em Pelotas acantonada no 9º RI em Pelotas, e concluiu o Curso Científico na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1952 de onde seguiu para a cidade de Resende para cursar a Academia M e onde trabalha contratado pelo Exército como seu historiador.

Artigo digitalizado para ser colocado na Internet, em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial a AMAN 002 de 17 nov.2014, e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército

BOLETIM INFORMATIVO DO IEV ,Maio 2005

General Edmundo Macedo Soares O Pai da Siderurgia no Brasil

Cláudio Moreira Bento

Em 19 junho de 2001 transcorreu o centenário de nascimento, no Rio de Janeiro do General Edmundo Macedo Soares e Silva, grande brasileiro que liderou, com o seu notável saber técnico e científico, intensa atividade vitoriosa, de 1930-1946, para a idealização, projeto e negociação de empréstimo nos EUA, com vistas à implantação de uma grande siderúrgica no Brasil.

Objetivo que conquistou com a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda, de 1941 a 1946, na qual labutou por cerca de 10 anos e da qual foi o seu diretor técnico e mais tarde seu presidente. Empreendimento industrial estratégico que se constituiu na mãe da industrialização do Brasil. Circunstância que o imortaliza na História do Brasil como um dos grandes agentes, cérebro e motor da transformação do Brasil de país eminentemente AGROPECUÁRIO PARA UM PAÍS AGROPECUÁRIO E INDUSTRIAL.

MACEDOSOARES EA INDÚSTRIA BÉLICA DO EXÉRCITO

Macedo Soares não se projetou somente na industrialização civil do Brasil, como em nossa indústria bélica, traduzida pela Fábrica de Projéteis (Granadas de Artilharia) do Andaraí, no Rio, a qual foi incumbido de organizar e nela aplicou seus conhecimentos de fabricação de granadas de Artilharia que adquirira, em 1933, na empresa Breda, em Milão, na Itália, em estágio sobre Forno Elétrico. Oportunidade em que furtivamente e discretamente assistiu e anotou dados sobre fabricação de granadas de Artilharia, conforme nos confidenciou. Colaborou também na instalação das fábricas do Exército, em Bom Sucesso e Juiz de Fora, que junto com as fábricas militares de Curitiba, Piquete, Itajubá, Caju e arsenais de guerra do Rio de Janeiro e de General Câmara, constituíram promissora base da Indústria Bélica do Brasil, a qual depois da 2ª Guerra Mundial foi progressivamente desmontada e substituída pela IMBEL.

Lecionou Metalurgia no IME de 1932 a 43, por 9 anos, bem como nas escolas politécnicas do Rio de Janeiro e São Paulo e na PUC do Rio. Seu esforço na implantação de uma grande siderúrgica no Brasil e de uma Indústria Bélica do Exército decorrerá de seu sonho, junto com um grupo de militares patriotas, revolucionários na década de 20, e em grande parte ex-alunos da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo, de transformarem o Brasil numa nação forte econômica e militarmente, como a única forma de manter a sua Independência e Soberania.

E, assim, a grande siderúrgica que ele ajudou a concretizar de 1941 -46 era para ele vital para a manutenção da Defesa e Segurança Nacional, num mundo abalado pela 2ª Guerra Mundial, com nações lideradas por governos totalitários, em busca da conquista de espaços vitais.

A CSN TORNA-SE REALIDADE

E a CSN começou a tornar-se realidade quando o Brasil, depois de realizar, no curso da 2ª Guerra Mundial, política pendular, entre a Alemanha e Aliados, negociou, entre 7 abril a 14 junho de 1939, após a visita ao Brasil do Gen. George Marshal, chefe do EME do Exército dos EUA e retorno do nosso Chefe do EME Gen. Pedro Aurélio Goes Monteiro, que o acompanhara em seu retorno aos EUA, uma cooperação militar mais efetiva, o que acabou por levar os EUA a financiarem a CSN em Volta Redonda, a Cidade do Aço, em troca da cessão temporária, pelo Brasil, das bases aéreas do Amapá, Val de Cans, no Pará, e Parnamerim, no Rio Grande do Norte.

Bases que tiveram grande projeção estratégica no sucesso das operações dos Aliados no norte da África, sul da Europa e mesmo da Ásia, por essenciais, dentro do "Trampolim ou Corredor da Vitória", para os EUA, via aérea, atingirem e reconquistarem a África e dali reconquistarem o Sul da Europa e o Oriente Médio e, a seguir, atacarem a Europa em combinação com a grande invasão pela Normandia, lançada da Inglaterra.

Macedo Soares tomou parte nesta negociação e foi conseguido do EXIBANK empréstimo de 20 milhões de dólares para construir a CSN, a mãe da industrialização brasileira, e ponto de inflexão do Brasil agropecuário para o Brasil também industrial.

A CSN E VOLTA REDONDA, A CIDADE DO AÇO

A CSN originou a grande cidade de Volta Redonda, hoje com cerca de 250 mil habitantes e que exerceu e ainda exerce grande influência econômica e social na região sul-fluminense, como uma espécie de capital regional.

Volta Redonda e CSN tão bem estudadas por nosso confrade na Academia de História de Barra Mansa, cuja fundação presidimos, Alckindar Cândido da Costa, na obra "**Volta Redonda Ontem e Hoje**" (Volta Redonda, 1992). Obra que faz justiça histórica a Macedo Soares, o qual, em decorrência dos tumultuados, violentos e trágicos 17 dias de greve na CSN, a mais longa ali ocorrida e iniciada em 4 novembro de 1988, teve retirado seu busto e o seu nome de praça "**Macedo Soares**" onde se encontrava desde a fundação. Busto e nome retirados violentamente para dar lugar à Praça "Prefeito Juarez Antunes" - o Metalúrgico, falecido em acidente e por força de Lei Municipal 2.405, de 29 maio de 1989. Fato lamentável que teve lugar pouco mais de 3 meses antes de Macedo Soares falecer, o que o velho general, aos 88 anos chocado e triste, disse-me não entender aquela imensa ingratidão para quem construíra a CSN e a Cidade do Aço. Creio que isto tenha precipitado sua morte. Foi uma tremenda injustiça que o radicalismo político provocou.

Hoje, ao que parece, seu busto voltou ao local primitivo e poucos habitantes de Volta Redonda, segundo o historiador Alckindar, citado, sabem quem foi Macedo Soares, cujo nome se encontra escondido na muito popular e conhecida sigla na Cidade do Aço, o-GACEMSS (Grêmio Artístico e Cultural Edmundo Macedo Soares).

BASE CULTURAL MILITAR E PARTICIPAÇÃO NA REVOLUÇÃO DE 1922

Macedo Soares frequentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro de 1912-17, por 5 anos. Ingressou no Exército, na Escola Militar do Realengo, sendo declarado Aspirante da Arma de Engenharia, em janeiro de 1921, como 1º lugar de sua turma. Promovido a 2º tenente, passou a instrutor do Curso de Engenharia da Escola Militar. Nesta função tomou parte ativa, ali, na Revolução de 5 Julho de 1922, em protesto pelo fechamento do Clube Militar e prisão, em local incompatível e humilhante, do Marechal Hermes da Fonseca, ex-ministro da Guerra, Presidente da República e então presidente do Clube Militar e líder da

profissionalização do Exército, que modernizara como Ministro da Guerra e Presidente da República.

A forte repressão política remeteu o tenente Macedo Soares preso, junto com vários outros tenentes revolucionários, para o insalubre presídio de Ilha Grande, de onde, depois de 2 anos e 8 meses de dura prisão, conseguiu de lá fugir, indo homiziar-se em residência defronte ao Palácio do Catete, conforme nos contou. Conseguiu deixar o Brasil e residir em Paris, onde viveria por cerca de 5 anos e meio, até retornar anistiado pela Revolução de 30, à qual prestaria relevantes serviços, com apoio na sua formação em Metalurgia na França. Ali cursara Engenharia Metalúrgica e a partir de 1928 a Escola de Aciaria Industrial, ocasião em que foi condenado à revelia a 1 ano e 4 meses por sua participação na malsucedida Revolução de 1922 que envolvera Mato Grosso, o Forte de Copacabana e a Escola Militar do Realengo.

Em 1929 concluiu a Escola de (Fundição) Metalurgia e estagiou, para coroar a sua formação profissional, nas usinas francesas de Choisy-le-Roi e de Cham-béry e na usina italiana Breda, em Milão. Virou grande autoridade em Metalurgia, circunstância a que o Povo Brasileiro está a dever, em grande parte, o seu alavancamento industrial siderúrgico e o conseqüente surto industrial geral.

MACEDO SOARES E A SIDERURGIA NO BRASIL

Em 1931, foi criada no Exército a Comissão Nacional de Siderurgia, cabendo ao Capitão de Engenharia Macedo Soares ser o seu relator e secretário. Ali defendeu a necessidade de uma grande siderúrgica no Brasil, como fundamental ao nosso desenvolvimento.

Lecionou Metalurgia no IME (1932-43) e em 1943 na Escola Politécnica. Integrou a Comissão Organizadora da Indústria Militar Brasileira sendo encarregado, em 1933, de organizar a Fábrica de Projéteis (Granadas de Artilharia) do Andaraí.

Em 1937, major, consciente da importância da construção de uma grande siderúrgica para a manutenção da segurança e defesa do Brasil, numa conjuntura de guerra mundial que se avizinhava, aplicou-se a fundo no problema. Em 1938 realizou exposição fundamental para a decisão governamental de construção de uma grande siderúrgica, da qual apresentou projeto que, com algumas modificações, serviu-lhe de base para implantar, de 1941-46, no calor da 2ª Guerra Mundial, a atual Companhia Siderúrgica Nacional.

Defendia uma grande usina para apoiar a construção de uma infraestrutura de transportes, indústria mecânica e construção naval, etc. Enfim, uma usina de 300.000 ton/ano para com seu apoio iniciar a erguer o moderno edifício industrial do Brasil.

Em 1940, como tenente-coronel de Engenharia, foi nomeado vice-presidente da Subcomissão de Siderurgia da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico. Teve aprovado, por empresa americana, o seu projeto de uma siderúrgica, mas não o financiamento da mesma. Foi então enviado aos EUA e ajudou a conseguir com o EXIBANK um empréstimo de 20.000.000 de dólares.

E em 9 abril de 1941 viu criada a CSN, para a qual foi nomeado Diretor Técnico e designado, no posto de tenente-coronel, para a sua implantação, a qual se estendeu por cerca de 5 anos até julho de 1946, data de sua entrada em funcionamento. Ali foi promovido a coronel. Mais tarde, como general na Reserva, retornaria à direção da CSN por mais 6 anos, completando assim cerca de 11 anos em sua direção.

**GOVERNADOR DO RIO DE JANEIRO, MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS E
PROFESSOR DA ESG DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DA CSN**

Depois da construção da CSN exerceu o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas em 1946, onde presidiu estudos para adaptar a Fábrica Nacional de Motores a uma indústria de paz e não mais de guerra para o reparo e produção de aviões.

Foi governador do Estado do Rio de Janeiro de fevereiro de 1947 a janeiro de 1951, eleito com quase 90 % dos votos apurados. Data de então haver inaugurado em Resende os modelares colégios Olavo Bilac e, o Aníbal Benévolo, o tenente revolucionário de 22, como ele e no interior da Academia Militar. das Agulhas Negras. Sua administração foi fecunda. Ao terminar do seu mandato integrou o Quadro Permanente da Escola Superior de Guerra (ESG) onde pronunciou cerca de 20 conferências e foi encarregado de reorganizar a ACESITA.

Promovido a General de Brigada em abril 1952, foi transferido para a Reserva com 35 anos de serviços. Conselheiro de Minas e Energia foi favorável a construção da Siderúrgica Manesmann, em Belo Horizonte. Presidiu o Conselho de Desenvolvimento Industrial, quando deu parecer favorável à ONU para a construção de usina siderúrgica na Venezuela.

NA PRESIDÊNCIA DA ACESITA E NOVAMENTE NA CSN

Em 1954 presidiu a ACESITA. Retornou então à presidência da CSN, quando empenhou-se em obter mais empréstimos, concretizados em cerca de 35 milhões de dólares para ampliar a CSN, pois o Brasil exigia mais produção. Em 1959 presidiu o Conselho Consultivo de COSIPA.

Ao deixar a CSN em 1960, depois de 6 anos em sua presidência, ocupou a vice-presidência da Mercedes-Benz do Brasil e foi conselheiro do Plano de Carvão. Em 1963 foi eleito vice-presidente do recém fundado Instituto Brasileiro de Siderurgia.

Apoiou a Contra Revolução Democrática de 1964, ano em que foi eleito vice-presidente da poderosa FIESP e presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia e da Confederação Nacional de Indústrias (CNI) para a qual foi reeleito em 1968.

MINISTRO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO E VENDA DA FNM

Em março de 1967 assumiu o Ministério de Indústria e Comércio, no governo Costa e Silva. Criou em 1968, sob sua presidência, o Grupo Consultivo da Indústria Siderúrgica (CONSIDER) que enfeixou toda a política siderúrgica.

A venda da FNM, à Alfa Romeo, em 1968, por ele sugerida, provocou muitas críticas, como medida desnacionalizadora. E justificou a venda da FNM argumentando **"que as fábricas de veículos automotores não podiam se manter sem a associação de capitais estrangeiros"**.

Em 1965, através de decreto, estimulou com incentivos fiscais, a importação de máquinas e equipamentos. Deixando o Ministério, com a morte do Presidente Costa e Silva, dedicou-se a empresa privada.

A SERVIÇO DA EMPRESA PRIVADA

Dirigiu a Mercedes Bens do Brasil de 1969-70, presidiu os Conselhos Consultivos da Mannesmann, da Dedini Metalúrgica, da III Conferência Nacional de Classes Produtoras, da APEC - Editora, da Standard Elétrica, da CONSPLAN, do Clube de Engenharia e o Conselho de Administração da FGV. Foi diretor presidente da Parmet e presidente da

Rheen Metalúrgica. Dirigiu o Centro de Indústrias de São Paulo e o Sindicato das Indústrias do Ferro.

Foi membro titular da Academia Brasileira de Ciências, Honorário da Associação Brasileira de Metais, membro da Associação Americana de Engenheiros de Minas, Metalurgia e Petróleo de Nova York e da Associação de Engenheiros de Carvão e Aço de Pittsburgh-EUA.

Dr. honoris causa pela Escola de Minas de Ouro Preto e pela Escola de Engenharia da USP. Deixou valiosa bibliografia sobre suas experiências profissionais em Metalurgia, entre as quais: **"Memória para a organização de uma Indústria siderúrgica no Brasil" (1940)** e **"O ferro na História e na Economia do Brasil"**. Escreveu mais de 100 trabalhos sobre Economia, Indústria e Metalurgia.

O HISTORIADOR EDMUNDO MACEDO SOARES

O Gen. Edmundo foi eleito sócio honorário do IHGB em 19 agosto de 1960, quando conselheiro do COSIPA. Efetivo em 17 de dezembro de 1977 e benemérito em 17 de abril 1975. Ao falecer em 18 de agosto de 1989, aos 88 anos, era o 2º vice-presidente do IHGB e presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Era sobrinho do historiador, ministro e embaixador José Carlos Macedo Soares que foi presidente perpétuo do IHGB.

No IGHMB, como seu bibliotecário, muito privamos com o General Macedo Soares. Dirigiámos o Arquivo Histórico do Exército, que ancorou por cerca de 5 anos o IGHMB, falto de infraestrutura para desenvolver seu trabalho.

Lembro de certa feita que, tendo deixado nosso gorro sobre a sua mesa, ao retornar encontramos o General Macedo Soares, absorto e com o olhar distante e com nosso gorro em sua cabeça. Estranhei a sua atitude! Aí ele me disse que sentia muita saudade do seu tempo de coronel na CSN e continuou por algum tempo a despachar com nosso gorro de coronel em sua cabeça.

Lembro que sua última aparição pública antes de falecer, foi presidir sessão conjunta dos IHGB e IGHMB, no auditório do IHGB, em que éramos o palestrante. Ao término da mesma, ao passar pela sala com móveis que pertenceram ao Conselho de Estado, alguém falou para outra pessoa: **"Você conhece um monumento que caminha? Pois ali vai um!"**, e apontou para o General Macedo Soares.

Quando promovíamos no Arquivo Histórico do Exército (1985-91) sessões comemorativas de centenários de chefes do Exército ele com frequência comparecia e dava o seu testemunho sobre os chefes com quem privara.

O FALECIMENTO DO GRANDE BRASILEIRO EM 10 DE AGOSTO DE 1989

O seu enterro ocorreu às 10 h de 11 de agosto de 1989 e foi pouco concorrido. Recordo que tive a grande honra, de ser o único com a farda do Exército a ali comparecer. Farda do Exército que ele tanto honrara e consagrara como destacado militar, professor, político (2 vezes ministro e governador) empresário, engenheiro metalúrgico emérito e historiador.

O Governo do Rio de Janeiro decretou 3 dias de luto e de igual forma a cidade de Volta Redonda, por decreto 3.186 de seu prefeito. Então ali lembrei que a ele caberiam as seguintes palayras ditas pelo Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, em nome do Exército, ao Duque de Caxias, quando de seu enterro. De que. não eram necessários arroubos de eloquência e pompas de linguagem para tornar Caxias maior, bastando dizer que a sua maior virtude fora a Simplicidade na Grandeza!

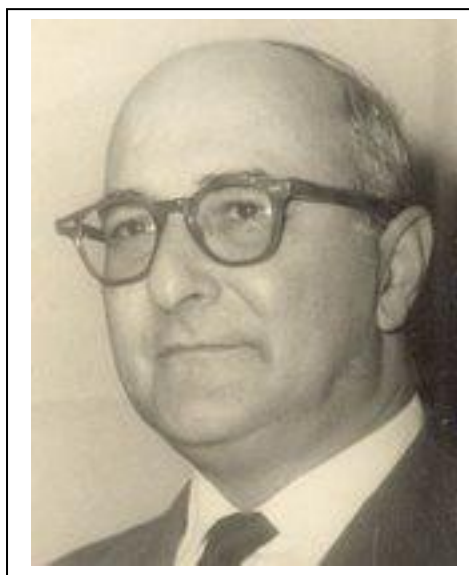
E desta Simplicidade e Grandeza Macedo Soares deu mostras ao repartir as glórias conquistadas como pai da grande siderurgia no Brasil, com seus antecessores pioneiros o Dr. José Vieira do Couto e Manoel Ferreira da Câmara e Sá, o célebre Intendente Câmara e mais D. João VI, ao falar em conferência no auditório do Ministério da Fazenda em 6 de setembro de 1945:

"Dois nomes de brasileiros ligam-se à exploração industrial de nossa riqueza siderúrgica: o Dr. José Vieira Couto, naturalista de renome, antigo lente de Coimbra e residente em Diamantina - MG, que já falava na necessidade da construção de grandes usinas e de se fazer a ligação da zona de minérios aos rios Doce, Jequitinhonha e São Francisco; e Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, o famoso Intendente Câmara que sustentou projetos idênticos aos de Vieira Couto, visando o estabelecimento de siderúrgicas na Bahia e em Minas Gerais. E D. João VI que ao aqui chegar, cuidou logo de montar duas usinas importantes para a época, uma a Ipanema (próximo a Sorocaba, em São Paulo) e outra em Minas Gerais, no Morro do Pilar."

LEBRANDO DOIS EXPOENTES DA NOSSA INDÚSTRIA MILITAR

Vale aqui lembrar dois grandes historiadores que foram expoentes na implantação, preservação da Indústria Bélica do Exército. Foram os generais Edmundo Macedo Soares e Francisco de Paula Azevedo Ponde membros e ex-presidentes assinalados do IGHMB e membros atuantes do IHGB, cuja Diretoria integraram e hoje consagrados, com justiça na voz da História, patronos de cadeiras na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB). Personalidades singulares de patriotas com quem tivemos a honra de conviver e deles aprender valiosas lições e que foram professores no IME e cujas vidas e obras são dignas de serem seguidas pelas atuais e futuras gerações de engenheiros militares do nosso Exército, em suas missões de contribuir, com suas especialidades, para o crescente índice de operacionalidade do Exército no cumprimento de sua missão constitucional, em especial a Defesa Militar do Brasil.

O Cláudio Moreira Bento é presidente da AHIMTB, benemérito do IGHMB, emérito do IHGB e acadêmico e presidente emérito das Academias Re-sendense e Itatiaense de História e membro do IEV, IHGRJ e IHP. Para conhecer mais sobre o tema, acesse o o site www.ahimtb.org.br



General Edmundo de Macedo Soares. O Pai da Siderurgia no Brasil